

DESMISTIFICANDO O REJUVENESCIMENTO

Dr. Regis Cavini Ferreira

MUITO SE TEM FALADO sobre a *melhor idade*.

Da maneira com que tem sido colocada, *melhor idade* é a *melhor época da vida*, mas, na verdade, é usada, de uma maneira escamoteada, como sinônimo de *velhice*.

Não sei bem o que querem dizer com a *melhor idade*, pois outra expressão, os *anos dourados*, se referem à *juventude*, que costuma ser, na verdade, a *melhor idade* de nossas vidas.

Se for assim, então qual o motivo de se associar *melhor idade* com *velhice*?

A expressão se destina a fazer com que um idoso se sinta parte de um seleto grupo de privilegiados que, por sorte ou previsão, se encontra em excelentes condições de saúde física, mental e econômica, a ponto de não ter de se preocupar com nada e poder curtir a vida na plenitude do termo: cruzeiros maravilhosos, comidas e bebidas sem qualquer restrição, prazeres da carne sem o uso de antiácidos e com o ilimitado uso de substâncias vasoativas, desprovidas de efeitos colaterais.

Cá entre nós: quantos idosos são capazes de fazer isso tudo e permanecerem vivos no dia seguinte?

Então, *melhor idade* por quê?

Porque a *velhice* é a *melhor* fase das nossas vidas?

Se for uma alusão à aquisição de sabedoria, de visão ampla das coisas, de serenidade *zen* e desprendimento, do bom senso e equilíbrio, coisas que podem acontecer com muitos, porém não com todos os idosos, pode ter lá uma dose de verdade. Mas a maioria, mesmo, se torna chata, intolerante, implicante, teimosa, insone, doente – e para desespero

das gerações mais novas *descoladas* dessa coisa da sabedoria e serenidade *zen – resistente às mudanças*.

Vamos ser imparciais: para muitos não pode ser a *melhor idade*, não diante do que se observa na prática, ou seja, a perda natural do vigor físico, as doenças crônicas ou de extrema gravidade, a redução dramática da capacidade de gerar recursos, o recebimento de aposentadoria que está mais para esmola do que para reconhecimento, o abandono pelos familiares, quando não pelas autoridades.

Costuma ser, na verdade, a *melhor idade* para milhões desejarem a *melhor morte*, um bálsamo tanto para quem *fica* quanto para quem *vai*. Afinal, ninguém quer ser estorvo para ninguém.

Outra maneira um pouco melhor de se tratar o problema é através do uso da expressão *terceira idade*: não trata os outros como idiotas e não se associa a nenhum julgamento de valor.

Seu significado é meio obscuro; precisa ser desvendado. Vejamos: se a *primeira idade* se referir à infância, então a *segunda idade*, seria a juventude e a idade adulta; a *terceira idade* será, por exclusão, a *velhice*.

A *terceira idade* é a *velhice*, ou seja, a *melhor idade*. Outra vez, a mesma coisa, só que de uma forma diferente: tudo não passa de um mero jogo de palavras, uma maneira educada de se usar novos e bonitos nomes nos levando, necessariamente, à idéia dos *eufemismos*. Estes, segundo Houaiss, são tudo aquilo que *atenua uma idéia desagradável, grosseira ou indecente*. Por exemplo, dizer *campo-santo*, em vez de cemitério, atenua a idéia associada à dor, tristeza, luto, mortalidade e morte. *Horizontal*, em vez de prostituta, reduz o peso moral associado à mais antiga das profissões.

Assim, o que seria desagradável, grosseiro ou indecente na velhice a ponto de ter de ser atenuado pelo eufemismo *melhor idade*? Resposta: é a *pior idade*, num perfeito exemplo do orwelliano *duplipensar* do *Grande Irmão*.

Qual seria a *pior idade* para o ser humano?!

Como se diz hoje nos filmes nacionais, vamos de *papo-reto*: *na verdade, a pior idade pode ser qualquer uma*. Pode ser tanto uma *trágica infância*, como as mostradas nos filmes nacionais, ou a *vida adulta* dos que entram para o crime, quanto a *velhice de todos nós*. Mas não vamos nos esquecer de nossa linha de pensamento: porque mesmo, é que a velhice seria *desagradável, grosseira e indecente*?

Para responder a esta questão temos de verificar as condições da velhice em nosso País e compará-las com as do assim chamado Primeiro Mundo.

Não são necessários grandes parágrafos para esta tarefa. Pois, quem tiver ouvidos para ouvir, ouça, quem tiver olhos para ler, leia e quem (ainda) tiver cérebro para pensar, pense!

No Primeiro Mundo, mercê de condições sócio/econômico/culturais, é substancial a segurança oferecida pelo Sistema aos idosos, *Sistema* entendido, aqui, como o conjunto de mecanismos estatais e privados relativos aos idosos e à sua proteção. Isto significa: *civilização e cidadania*. Contraria frontalmente o antigo sistema natural de regulação de espaços e de recursos, gerado pela mortalidade da população a partir de uma faixa etária ou pela ausência de contribuição positiva para o grupo. Isto significa: quando o indivíduo não pudesse mais gerar recursos para garantir a própria sobrevivência e a do grupo, seria abandonado à própria sorte ou, então, sacrificado. Como já se passou um bom tempo desde isso acontecia e bebíamos vinho nos crânios dos inimigos, a Civilização foi a maneira encontrada pelo lobo frontal para se contrapor às forças da Natureza.

Assim, em países civilizados, os idosos costumam ter garantidas suas condições de subsistência digna, através de uma *previdência* gerada pelos mesmos (privada), por *investimentos* feitos ao longo da vida (usualmente em ações) ou pelo *governo* (previdência social), suficiente para suas necessidades. O que varia de país para país são os critérios usados para definir estas necessidades. Como isto tudo já faz parte de seu sistema de vida, é natural que o idoso disponha de segurança e dignidade tidas como *naturais* (que, na verdade, foram artificialmente criadas). Com isso, os jovens podem olhar para o futuro e, mirados no exemplo vivido pelos idosos, se anteverem vivendo naquelas condições de segurança e respeito, o que deve lhes fazer muito bem à saúde, pois previsão e controle contribuem muito para a redução do estresse e estamos conversados.

Mas entre nós, como já dissemos, as coisas costumam ser bem diferentes.

Investidores de planos de previdência privada são muitas vezes tungados por falências reais ou imaginárias. Os bancos se locupletam.

Planos econômicos milagreiros de governos incompetentes e demagógicos retiram das aplicações o seu poder de compra. Os bancos se locupletam.

Crises reais ou especulativas da bolsa de valores produzem perdas e insegurança. Os bancos se locupletam.

A manipulação política da economia tira dos investidores o ímpeto rumo à tranqüilidade dos anos futuros. Os bancos se locupletam.

A previdência social introduz nos cálculos do cidadão comum fatores de redução de proventos depois de décadas de sofrida contribuição, enquanto que no nível governamental a aposentadoria se dá com pouco trabalho e muita renda. Os bancos se locupletam.

Pode ser até que os bancos não tenham nada a ver com isso tudo, mas que se locupletam, se locupletam.

Neste cenário, dá para os jovens confiarem no futuro?

Como nem todos podem ser banqueiros, há que se criar alternativas. É por isso que as agências de propaganda, diante das condições em que vivem milhões de idosos em nosso País, só definíveis por expressões *desagradáveis*, *grosseiras* e *indecentes*, criam eufemismos compostos por delicadas expressões alternativas. O feio passa a ser bonito, o execrável se torna desejável. É o milagre dialético da *melhor idade*...

Isto acaba por *consolar* as pessoas diante daquilo que as espera e *fazerem com que não percebam* o que fazem com elas.

Pois, recebem alegremente *os privilégios nas filas dos bancos*, rejeitados por alguns sob alegação de se sentirem humilhados. Este privilégio deveria ser desnecessário. Conseqüência? Em breve teremos de lidar com isso, pois já vi filas para idosos, gestantes e portadores de bebês de colo maiores que as filas comuns, causadas tanto pela insuficiência de caixas disponíveis quanto por aposentados contratados como *office-boys* portando pilhas de documentos a serem autenticados, levando outros idosos, ainda espertos, a mudarem de lado.

Viajam de graça nos ônibus com o uso das carteirinhas dos *bicos-de-corvo*, a carteirinha de idoso, que o brasileiro, com sua irreverência, já *batisou* como piada... Mas isso só quando conseguem subir nos ônibus.

Pagam alegremente meia-entrada nos cinemas, como se cada um fosse usar só meio assento ou se sentar no colo do outro.

No fundo, no fundo, e no raso também, diante do estado de coisas descrito acima, conclui-se que todas essas coisas seriam, na verdade, *ofensivas* aos nossos idosos, que deveriam receber muito bem por seus seguros investimentos feitos ao longo da vida, ou da previdência social e privada, o suficiente para não terem a necessidade de serem constrangidos por tais “privilégios”.

Isso, porque somos um País que está apenas começando a aprender a lidar com os necessários respeitos e cuidados devidos a uma crescente população de pessoas que têm o privilégio de ultrapassar e ir muito além dos os sessenta anos de idade, limite a partir do qual um cidadão é considerado como idoso.

Assim, dentro desta realidade, o uso da expressão *antienvhecimento* até que é aceitável, pois realmente existem medidas que retardam o envelhecimento natural.

Mas a expressão *rejuvenescimento* deve ser vista com muito cuidado, pois, dependendo do contexto pode ser ofensiva ao senso comum

Seu significado, em que pese sedutor, sugere, erroneamente, a idéia *da reaquisição da juventude, o que é impossível de ser conseguido. É uma ilusão. Se podemos retardar a velocidade das rodas do tempo, (ainda) não somos capazes de fazê-las retroceder.*

Se medidas estéticas são capazes de mudar nossa aparência; se cintas e tintas modelam nosso corpo e nos fazem aparentar o que já não somos; se cirurgias podem erguer o que caiu e arredondar o que ficou plano, não é possível se anular o tempo já vivido, a não ser nas falsas medidas da aparência.

Pois a Medicina pode melhorar nossas condições metabólicas internas e a cosmetologia nossas condições externas a ponto de *parecermos* muito mais jovens do que realmente somos, mas isto não significa que tenhamos *nos tornado jovens outra vez.*

Isto é rejuvenescer? É claro que não!...

Podemos até *viver mais*, com melhor *qualidade de vida*. Assim, a expressão *rejuvenescimento* só pode ser entendida como uma boa estratégia de *marketing* para atrair clientela.

Uma grande enganação.

(Mas, cá entre nós, existe algo mais sedutor do que isso?!)